

## **“Eu me chamo Ruth!”: Reflexões sobre uma ‘estrela negra’**

**Daniela Roberta Antonio Rosa\***

---

**Resumo:** Quando já somava 36 anos de carreira, atriz brasileira Ruth de Souza em entrevista a Maria Luiza Feck Saibro, publicada no Jornal “Correio do Povo” (RS) em julho de 1983 disparou: “Sou estrela sem jamais ter estrelado nada”. Ainda que a atriz declare que este termo não tenha grande significado, aquilo que nele está implícito pode ser fundamental para a análise de diversos aspectos de sua carreira, começando pela observação de como sua origem e história de vida foram fundamentais para a associação deste a atriz. A maneira como tal idéia teria sido construída, a partir de que momento em sua carreira ela começa ser tratada assim e quais elementos de sua trajetória contribuem para a elaboração de tal idéia, serão aspectos analisados no trabalho proposto. Em síntese, trate-se de pensar como sua história de vida propicia e gera a construção da idéia de ‘estrela negra’.

**Palavras-chave:** Negro, teatro, atores negros, Brasil.

**Abstract:** After reaching a career of 36 years, the Brazilian actress Ruth de Souza in an interview with Maria Luiza Fleck Saibro, published in the newspaper Correio do Povo (Brazil) in July 1983, shot: "I am a star without ever having starred anything." Although the actress has declared that it shall not mean much for her to be called a star, it is implied that this denomination may be crucial for the analysis of many aspects in her career, starting from observing how her origin and history of life were essential for the association of the actress to such a title. The way this idea would have been built, at what point in her career she gets to be treated as a star and what elements of her career contributed to the development of this idea will be discussed in the proposed work. In short, it's a matter of being concerned with how her life history provides and generates the construction of the idea that she was a real 'black star'.

**Key words:** Blacks, theater, black actors, Brazil.

---



Fonte: [Revista Raça Atitude](#)

Quando perguntada pela segunda vez, em uma tarde em que conversamos informalmente em seu apartamento, sobre o que achava da idéia de ter sua trajetória de vida tratada em uma pesquisa de doutorado em ciências sociais, a atriz Ruth de Souza, em pé na sala de seu apartamento respondeu: “se isso puder ajudar alguém, tudo bem”. Esta declaração de uma atriz que em mais de sessenta anos fez carreira no teatro, cinema e televisão, ou como ela gosta de afirmar “pôde viver de sua arte”, colocou-me diante de uma questão que surge como um compromisso crítico imprescindível para este tipo de análise: por que estudar uma trajetória de vida? Quais os limites que separam tal empreitada do ato biográfico simples.

Sem qualquer pretensão de exaurir tais questionamentos que, aliás, cumprem função importante à medida que são recolocados a cada reflexão em torno de uma trajetória ou história de vida, há ainda um elemento que pode fazer grande diferença para pensar a atriz em questão: o fato de se tratar de uma atriz

negra e de ser esta uma condição relevante para pensá-la tanto no cenário político-social nacional, quanto no cenário artístico, ambos passando por transformações importantes em meados do século XX, momento em que Ruth de Souza iniciava sua carreira.

### **Entrando em cena**

Sua estréia nos palcos se deu como parte do elenco de uma peça de Eugene O’Neil, dramaturgo Norte Americano vencedor do prêmio Nobel de 1936. Corria o ano de 1945 e enquanto o teatro Municipal do Rio de Janeiro recebia pela primeira vez uma companhia de teatro com elenco formado majoritariamente por atores negros, as ruas do entorno encontravam-se aglomeradas e em festa por conta do final da Segunda Guerra mundial. Era 8 de maio e “O Imperador Jones” concretizava um trabalho iniciado meses antes com a fundação do Teatro Experimental do Negro, em outubro do ano anterior. A peça teve os direitos cedidos pelo seu já consagrado autor graças a uma carta enviada pelo grupo solicitando a autorização para montagem sem o pagamento dos direitos, despesa com a qual não poderiam arcar.

Reunido, portanto, no Rio de Janeiro em 1944 o Teatro Experimental do Negro, ou TEN como ficou conhecido, era uma organização que embora tendo sua atividade caracterizada e popularizada pelo teatro, possuía também atividades concentradas em outras frentes de trabalho como os concursos, congressos, convenções entre diversas outras. Mas o objetivo estava voltado principalmente à idéia de inserção do negro na sociedade brasileira, e uma melhor integração destes nas artes cênicas do país que se diferenciava daquela conseguida através de papéis secundários e estereotipados.

“O TEN foi fundado em 1945 (op cit), para mostrar que o negro poderia ser ator aqui no Brasil. Numa época em que não havia “atores negros”, a não ser o Grande Otelo, o TEN abriu suas portas e mostrou que o negro poderia dedicar-se a dramaturgia.” (ALMADA, 1995)

Ruth de Souza estava entre os primeiros que se uniram ao projeto, atraída pela oportunidade de iniciar uma carreira:

“Comecei estudar teatro depois de ler numa reportagem de revista que estavam fundando um grupo de teatro negro. Então, achei que aquela era minha oportunidade de fazer alguma coisa, de começar atuar.” (IDEM)

Estreou fazendo uma personagem da peça “O Imperador Jones” e que foi seguida da montagem de outras duas peças do mesmo autor: “Todos os Filhos de Deus têm Asas” e “Moleque Sonhador”. A atriz participaria ainda das peças “Filho Pródigo”, “Filhos de Santo”, “Aruanda”. Além da montagem do quinto ato da peça “Othelo”, de Shakespeare: “Fui a primeira Desdêmona negra da história” (IDEM) comenta a atriz a respeito deste trabalho. Que foi seguido por outro trabalho de grande importância para sua carreira, a montagem do primeiro ato de Calígula, apresentado por conta da visita de seu autor, Albert Camus que durante passagem pelo Rio em julho de 1949 prestigiou a apresentação. Camus fala a respeito deste episódio em seu livro “Diário de viagem”:

“Estranho ver esses romanos negros. E depois, o que parecia um jogo cruel e vivo tornou-se uma arrulhar lento e terno, vagamente sensual. Em seguida, desempenham para mim uma peça brasileira curta, que me agrada muito.” (CAMUS, 1997)

Ainda integrando o elenco do grupo, como uma das principais atrizes, a jovem Ruth teve seu primeiro contato com o cinema ao participar de três filmes na companhia Atlântida, no final dos anos 1940, onde fez “Terra Violenta”, “Falta Alguém no Manicômio” e “Somos Todos Irmãos”. Convidada a integrar o elenco da Companhia Vera Cruz filmou “Terra é sempre terra”, trabalho pelo qual recebeu o prêmio de melhor atriz coadjuvante da Associação Brasileira dos Cronistas Cinematográficos (ABCC). E ao participar do filme “Ângela” ainda no início dos anos 1950 a atriz recebeu o prêmio Governador do Estado de São Paulo.

A projeção alcançada nos palcos, e então no cinema fez com que pessoas influentes se interessassem pela jovem magra e de olhar grave que por intermédio de Pascoal Carlos Magno, homem de teatro, cônsul e integrante do grupo “Teatro dos Estudantes”, passasse uma temporada nos Estados Unidos estudando. Magno tomou conhecimento de algumas bolsas de estudo que a Fundação Rockefeller ofereceria a estudantes brasileiros, entre as bolsas havia uma de teatro, pensou em Ruth. “Ele havia perguntado ao americano se a fundação Rockefeller daria uma bolsa a uma ‘atriz negra’, e este lhe disse que sim”. (ALMADA, 1995) Indicada e aceita no início dos anos 50 para estudar nos Estados Unidos, na Universidade Howard, Ruth deixa o Brasil por um ano.

Durante o período em que passou nos EUA, Ruth foi para Karamu House em Cleveland, onde passou seis meses estudando dramaturgia, iluminação, som e vestuário. Além de um curso de dança contemporânea e música. Em seguida passou um mês na Universidade Howard em Washington estagiando no curso de

teatro indo depois para Nova York para estagiar no Anta Theater.

Ao retornar dos EUA, muito entusiasmada como ela sempre gostou de ressaltar, retomou seu trabalho na Companhia Vera Cruz, em São Paulo e filmou "Sinhá Moça", que lhe renderia uma indicação ao prêmio de melhor atriz no festival de Veneza, onde o sucesso do filme pôde ser testemunhado por um colega: "O Haroldo Costa estava na platéia da Mostra e testemunhou o sucesso de Sinhá Moça. Ele estava excursionando com a "Brasileira" pela Itália." (ALMADA, 1955). O bem sucedido filme foi seguido de outros ainda na Vera Cruz e também fora dela, e no final dos anos 60 a atriz deu início a sua carreira na televisão. Retornou ao Rio e assinou em 1969 um contrato com a Rede Globo de Televisão, depois de passar pela Rede Record em São Paulo onde fez principalmente tele-teatro.

A temporada de estudos fora do país, o sucesso de crítica, o trabalho no teatro cinema, televisão e os prêmios conquistados alçaram a atriz Ruth de Souza a uma posição muito rara entre os atores negros no Brasil. Gozando de sucesso e reconhecimento a atriz receberia o título de "estrela" e "estrela negra", recorrente especialmente na imprensa a partir dos anos 1980.

### **Uma posição rara**

A presença do negro na dramaturgia brasileira é marcada constantemente por dois elementos: a atuação estereotipada e secundária ou a ausência completa na trama. Uma ausência que se dá também e ainda com a participação de personagens negros, mas freqüentemente desprovidos de relações sociais ou familiares. Na já citada entrevista concedida a Sandra Almada, 1995, a atriz reflete a respeito, mas

rejeita como faz em diversas declarações à imprensa, o título de "estrela":

"Se eu fizer um balanço de minha carreira, com exceção dos papéis que interpretei na novela 'A cabana do pai Tomás' e no caso especial 'Quarto de despejo', em que estreei mesmo, sempre fiz coadjuvações". (IDEM)

E é aqui que se instala uma contradição, e um elemento fundamental para pensar o ator negro no Brasil. A contradição não está no fato de a atriz rejeitar a posição de estrela, mas sim no fato de receber tal título, mesmo participando no cenário artístico nacional de uma maneira menos "privilegiada". É contraditório o fato de se tratar de uma atriz que tendo afirmado também na imprensa nunca ter estrelado nada, é alçada a posição de estrela carregando consigo dezenas de papéis, que ela mesma classifica como secundários.

Entretanto ao qualificar tais papéis de secundários, cabe aqui uma importante reflexão também feita a partir de declarações da atriz, no que, aliás, ela se aproxima de outras atrizes negras brasileiras. Ruth faz questão de destacar em diversas entrevistas o grande esforço que sempre moveu sua atuação no sentido de dar a cada uma de suas personagens uma densidade dramática e uma construção séria. O que fez com que a atriz assumisse uma posição crítica diante de diversos diretores em relação aos papéis recebidos.

Ruth relata situações em que precisou "negociar" a construção de suas personagens:

"O Abílio [Pereira de Almeida] me viu e disse que eu era muito magra para fazer uma colona! 'Eu pensei que você fosse uma mulher gorda'. Respondi de imediato: 'Mas você já viu colona gorda? Você esta me

confundindo com a *mammy* de ‘...E o vento levou’” (JESUS, 2004)

Relata a atriz que na ocasião discutia com o ator, autor e diretor que a encontrou na época em que foi convidada para fazer o filme “Terra é Sempre Terra” adaptação da peça “Paiol Velho” de autoria dele, com quem enfrentaria situação semelhante em relação a sua personagem no filme “Candinho”:

“Perguntei pro Abílio: ‘por que o nome da personagem é Bastiana? Não tem outro nome? Já era Bastiana em ‘Terra é sempre terra’”. E Ele contestou: ‘Toda negra se chama Bastiana!’ Retruquei com calma, mas firme: ‘Toda negra não, eu me chamo Ruth!’”(IDEM)

Entre negociações e “privilégios”, como ela gosta também de caracterizar sua trajetória, a atriz construiu uma carreira marcada pelo signo da singularidade. “Eu era um espanto” afirmou informalmente a atriz demonstrando consciência em face das especificidades que a acompanham. Desta forma, problematizar a ambigüidade posta a partir da denominação de “estrela” que contradiz a auto-análise da atriz que talvez, mais realista, se perceba enquanto um indivíduo sujeito às relações que se dão fora da cena dramática, mas que se refletem nela violentamente através da ausência e do estereótipo é o desafio colocado ao tratar de sua trajetória. Uma trajetória singular de uma atriz alçada a tal posição tendo participado de importantes produções do teatro cinema e TV. Contrariando por um lado a posição do ator negro na dramaturgia brasileira e reafirmando por outro a fragilidade de seus papéis que na imensa maioria fazem *jus* a posição do negro na dramaturgia brasileira enquanto construção histórica

## O reverso da estrela

*“Na verdade trata-se de uma categoria, a dos galãs e estrelas, mas existem os atores de ‘verdade’ que são os coadjuvantes”*  
(ALMADA, 1999).

Com o que poderíamos chamar de uma mudança do “status” do teatro nas três primeiras décadas do século XIX, após a transferência da corte portuguesa para o Brasil, o ator negro assumiu no palco posições claramente determinadas e próximas a sua posição social. Posição que, aliás, também se mostrou determinante na composição do panorama do século anterior, onde o número de atores negros era bastante grande, mas o teatro se encontrava entre as atividades menos prestigiosas, passível, portanto de receber em seus elencos um número considerável de negros...

As nuances que compuseram o panorama teatral em relação ao negro no século XIX oscilaram entre a figuração decorativa, os papéis estereotipados ou a total ausência. Um dos elementos que torna a história de atores como Ruth de Souza relevante, pois se estabelece no período pós-guerra e num quadro em que as relações raciais brasileiras começavam a ser questionadas de modo sistemático em virtude dos graves acontecimentos internacionais, mas era um questionamento que estava longe de produzir práticas cotidianas de aceitação do negro em todos os espaços políticos, sociais e culturais.

Deste modo, atores negros que dedicaram suas vidas à cultura brasileira tiveram de vencer duas batalhas: vencer no espaço da cultura, espaço que tem pouco apoio no Brasil e vencer como

negros num mundo de brancos, para falar com Florestan Fernandes.

Por isso, ao ser chamada de “estrela” e ainda de “estrela negra” Ruth parece ser pensada de duas maneiras: primeiro enquanto uma atriz que se destaca, mas cujo destaque só pode ser valorizado se pensado a luz da posição ocupada pelo negro na dramaturgia. Só desta maneira e que a idéia de estrela, conforme usada no universo artístico, parece poder se aplicar a atriz.

Mas ao rejeitar tal título o que parece estar em jogo está além do fato de Ruth querer, modestamente, ser lembrada apenas como uma atriz, quando observa nunca ter estrelado nada e ainda assim ser chamada de estrela Ruth parece estar mobilizando duas frentes de análise de sua carreira: aquela intimamente associada a exemplaridade e excepcionalidade de sua trajetória, de garota pobre motivo de risos na infância quando manifestava seu desejo de se tornar atriz e uma outra, esta mais politicamente posicionada e que se manifesta a partir da leitura que faz da inserção do negro nas artes cênicas no Brasil.

Daí a complexidade da elaboração da idéia de estrela que se por um lado parece fazer jus e justiça a carreira construída com grande sucesso apesar de certa falta de reconhecimento por outro lança mão de um artifício que ocupa um espaço vago na dramaturgia brasileira, e que ocupado então por uma atriz negra parece fazer um papel político.

Portanto, o título de estrela que acabou agregado à imagem da atriz ao longo dos anos traz uma dupla possibilidade

de interpretação. Se por um lado ele pode ser analisado como o coroamento de uma atriz que tendo transitado pela diversas áreas de atuação dramática estando presente de forma marcante no cinema, na televisão e no teatro tendo recebido importantes prêmios durante a carreira, inclusive uma indicação no Festival de Veneza, há por outro lado uma análise que ao considerar mais profundamente a maior parte dos personagens interpretados torna até incoerente tal denominação, baseado no fato destes serem, na maioria das vezes, pensados de forma secundária nas tramas das quais fizeram parte. Esta é, por exemplo, a análise feita pela própria atriz que ironizou em diversas ocasiões o fato de ser uma “estrela” sem nunca ter “estrelado” nada.

#### Referências

ALMADA, Sandra. **Damas negras: Sucesso, Lutas, Discriminação**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1995.

CAMUS, Albert. **Diário de viagem**. São Paulo: Editora Record, 1978.

FILHO, Rubem Rocha. **Anjo ou demônio, malandro ou herói: aspectos do negro na dramaturgia brasileira**. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1998.

JESUS, Maria Ângela de. **Ruth de Souza: A estrela negra**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2004.

MENDES, Míriam G. **A personagem negra no teatro brasileiro** São Paulo: Ática, 1982.

NASCIMENTO Abdias do. **Teatro experimental do negro- Testemunhos** GDR: Rio de Janeiro, 1966.

PRADO, Décio de Almeida. **História concisa do teatro brasileiro** São Paulo: Edusp, 1999.

\* DANIELA ROBERTA ANTONIO ROSA é Mestre em Sociologia pela Unicamp e Doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp.